



**Vieira e Zenilda, um romance domado pela norma** - A representação de um casal lésbico na novela *A Indomada*.

Carla Freitas dos Reis <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é fragmento de uma análise ampla realizada pelo grupo de pesquisa CUS, Cultura e Sexualidade, da UFBA, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. A pesquisa pretende analisar as representações dos personagens não-heterossexuais nas novelas da Rede Globo e compreender de que forma esses personagens estão sendo construídos/representados pela emissora contribuindo ora para o combate, ora pela manutenção da homofobia.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Gênero e Telenovela.

O trabalho aqui presente é guiado por estudos *queer* com referências de pensadores pós-estruturalistas que compreendem gênero como performatividade e a sexualidade como uma prática inesgotável de possibilidades. Desta forma o trabalho do grupo de pesquisa tem sido problematizar os sujeitos e, principalmente, a heterossexualidade como única possibilidade de sexualidade, que nos é imposta. A reprodução de papéis pela teledramaturgia é pautada, como em todos os setores da sociedade, por pilares heteronormativos que, segundo Miskolci (2009), trata-se de uma ordem social que “expressa às expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural”.

Os corpos e os saberes conflitam entre si, e principalmente com as normas, e regras que a sociedade ocidental convencionou como normais ou não. Esse conjunto de normas regula hegemonicamente o discurso das questões de gênero e de sexualidade, porém, todo esse esforço não garante que manobras e subversões não aconteçam. Manobras essas que comprovam o quão frágil seria a suposta linha coerente imposta aos sujeitos na seguinte sequência, gênero - sexo - desejo - prática sexual. É na ruptura

---

<sup>1</sup>Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades, na Universidade Federal da Bahia. Integrante do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade, CUS, ligado ao Centro de Estudos Multidisciplinar em Cultura (CULT). E-mail: carlafreitas.reis@gmail.com

dessa linha que surgem os seres abjetos, definidos como “[...] todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (Prins e Meijer, 2002, p. 161). Quanto mais os sujeitos se afastam dessa suposta coerência, mais categorizado como abjeto ele é considerado. As reproduções culturais, na manutenção do discurso hegemônico e nas categorizações através de programas de massa, agem com severidade. “A televisão, veículo dos mais significativos, intervém de modo decisivo no processo de interação entre indivíduos e grupo social, seja através das imagens, seja através de enunciados discursivos ou não-discursivos” (LOPES, 2002, p.181)

A interferência sociocultural da novela é discutida pelo grupo de pesquisa, que compreende essa interferência como fundamental para a problematização do reforço dos estereótipos e os efeitos disso nos telespectadores. Para estudiosos em cultura “[...] a representação produzida por uma telenovela não é simplesmente uma reprodução da realidade, mas também uma ação que deseja e provoca reações pelo fato de ter sido realizada de determinada maneira.” (COLLING e BARBOSA, 2008, p.3) A metodologia da pesquisa foi elaborada pelo coordenador do grupo de pesquisa Leandro Colling, que adotou o método de observação dos personagens das novelas. Colling utilizou da obra de Marcos Barbosa, *avental todo sujo de ovo*<sup>2</sup>, para construir a metodologia das análises.

Análise

### **Dados gerais do produto**

**Título:** A indomada

**Diretores:** Marcus Paulo, Roberto Naar e Luiz Henrique Rios

**Direção Geral:** Marcos Paulo

**Autores:** Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares

**Elenco principal:** Adriana Esteves, José Mayer, Eva Wilma, Cláudio Marzo, Selton Melo e Daniela Faria

**Elenco mais diretamente ligado com a temática homossexual:** Zenilda (Renata Sorrah), Vieira (Catarina Abdala), Cláudio Marzo (Pedro Afonso), Elaine (Cristina Galvão), Maribel (Mônica Carvalho), Dinorá (Carla Marins), Paraguaia (Ingrid Liberato), Grampola (Karla Muga) e Sérgio Murilo (Cássio Gabus Mendes)

---

<sup>2</sup> Peça de teatro encenada pelo grupo Bastidores. Salvador, Ba.

**Tempo de exibição:** De 17 de fevereiro 1997 até 11 de outubro de 1997. Exibida de segunda a sábado às 20h.

**Resumo do enredo:**

A novela se passa em uma cidade nordestina litorânea chamada Greenville. A pacata cidade sofreu influência cultural inglesa significativa devido ao grande número de trabalhadores vindos da Inglaterra para construir a linha férrea local. O enredo se desenvolve em disputa de poderes entre protagonistas que brigam em torno da abertura ou venda da usina de açúcar, que seria a maior fonte de renda do município. A trama inicia com a passagem de tempo de mais de uma década e Helena (Adriana Esteves) volta para a cidade após esses anos para resgatar a fortuna que lhe é de direito. Ela acaba conquistando inimigos. A principal é a mulher de seu tio, Altiva (Eva Wilma), que não aceita entregar o dinheiro a Helena e passa a boicotar suas tentativas.

Em dado o momento, a novela se divide entre aliados da vilã, Altiva, e aliados da “boazinha”. Entre esse conflito, os núcleos secundários aparecem e, entre eles, encontramos Zenilda e Vieira. As atrizes que as representavam eram Catarina Abdla e Renata Sorrah, que desde o início da novela, protagonizam o romance velado da trama. O autor não deixar explícito o caso e, em nenhum momento, as personagens assumem o caso que apenas fica no ar. A relação acontece entre as duas fica nas entrelinhas das cenas, através de cenas de cumplicidade e afetividade entre elas.

A relação entre Zenilda e Vieira é de companheirismo, cuidado e afeto. Vieira aparece algumas vezes de pijama na Casa de Campo, pois dormia no quarto de Zenilda todas as noites.

De forma muito sutil, esse romance dura até o momento em que o autor decidiu mudar o destino de Zenilda, fazendo-a se envolver com um dos protagonistas. Apesar de ambas serem coadjuvantes, estão muito próximas do núcleo protagonista, principalmente Zenilda que por ser dona do bordel da pequena cidade de Greenville, em diversos momentos vira o centro das atenções, seja na prestação de serviços aos homens “poderosos” quanto na tensão com a ala moralista e cristã da cidade.

Zenilda é uma nordestina vaidosa, com estilo próprio e ousado para os padrões locais. Desperta diversos sentimentos nas pessoas da cidade, que vão de rejeição pela figura exótica e profissão subalterna à admiração de quem a rodeia. Vítima de injúrias, a dona do bordel não se intimida e responde às provocações reivindicando seus direitos como cidadã.

Vieira, apesar de personagem secundária, é uma personagem conectiva entre núcleos. Muito leal a seus empregadores, durante a trama os personagens demonstram ter muita confiança nela principalmente pela sua discrição.

Em algumas cenas, Zenilda é coagida a se retirar da cidade e Vieira é sondada a respeito da sua sexualidade e performatividade de gênero.

***Aspectos fixos dos personagens homossexuais: “Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001: p.167).***

Apesar de serem coadjuvantes, as personagens ganhavam espaço na medida em que a relação das duas se mostrava mais íntima. Zenilda, principalmente por ser anfitriã da casa, sempre recebia os “grandes homens” da novela, o que lhe dava notoriedade. Era uma mulher de personalidade forte e muito ativa. Vieira, no entanto, apesar de ser a companheira de lutas e dia-a-dia de Zenilda, é admirada justamente pela sua discrição nos assuntos íntimos dos que lhe cercam. É também vista por muitos como uma mulher muito competente e prestativa.

***“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001: 167):***

Zenilda é empresária e na novela fica claro que é muito bem sucedida. Vieira, apesar de empregada de Zenilda, tem regalias nesse emprego noturno, de administradora financeira da Casa de Campo e, durante o dia, trabalha com Teobaldo como secretária.

***Cor:*** Ambas são brancas

***Profissão:*** Zenilda é empresária, dona da casa que abriga profissionais do sexo. Vieira é administradora da mesma casa e trabalha para Teobaldo durante o dia.

***Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:***

***Tipos de gestualidade:***

- 1) estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual;***
- 2) gestualidade típica de alguns sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento/estética camp;***
- 3) não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de homossexualidade, inscrito dentro de um comportamento heterossexual);***

A personagem Vieira está enquadrada no tipo 1 de gestualidade, já que se apresenta como sendo uma lésbica que, apesar das vestimentas femininas, é reconhecida pelos outros personagens como masculinizada, como a “mulher que tem medo de

homem”, já que não se envolve afetivamente com nenhum homem e vários personagens especulam sua paixão por Zenilda. O jeito dúbio de se vestir se equilibra com a forma incisiva de falar e resolver conflitos com outros personagens, menos na hora de se dirigir a Zenilda. Nessas cenas, fica visível a mudança de expressão e tom de voz de Vieira, que fica muito mais dócil e suave.

Zenilda, adepta um estilo *camp*<sup>3</sup>, é uma personagem que, mesmo antes da mudança de rumo da novela quando ela passa a se envolver com um homem, já se apresentava não estereotipada. Por ser dona de um cabaré e ser extremamente vaidosa ela é exagerada e “fechativa” para os padrões da cidade interiorana nordestina. Porém, a “fechação” é dentro do que se convencionou como aceitável para o gênero feminino. Zenilda pode ser enquadrada tanto no tipo 2 quanto no tipo 3 de gestualidade, visto que, mesmo sendo lésbica, não está estereotipada com a gestualidade debochada.

**“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):**

Se, por um lado, Vieira pode ser reconhecida por outros personagens como tipo “sargenta”<sup>4</sup>, por outro, a mesma segue o padrão de vestimenta convencionalizado como adequado a seu gênero. Apesar do esforço do autor em dar um ar dúbio a essa personagem, o comportamento e a gestualidade de Vieira borram a performatividade de gênero imposta como ideal. A forma energética e firme de Vieira e seu tom de voz incisivo, assim como postura, e caminhar, dão conta de estereotipá-la como lésbica masculinizada.

No entanto, no caminho inverso percorre a personagem Zenilda, que parece corresponder a todo sentimento de carinho e afetividade que Vieira tem ela. Se o figurino de Vieira não escapa do padrão “aceitável”, o figurino de Zenilda é *camp*, mas, de acordo com que é esperado hegemonicamente de sua performatividade de gênero. Extravagante, Zenilda adota penas e plumas, cílios postiços e unhas enormes, principalmente para receber seus clientes na casa, mas também no dia-a-dia entre a sociedade de Greenville.

Não diferente de Vieira, Zenilda é do tipo que não aceita injúria, respondendo às provocações de forma pública e provocativa. Zenilda protege suas “camélias”<sup>5</sup> e não admite maus tratos de terceiros com elas. Está sempre envolvida nas questões públicas

---

<sup>3</sup> “*Camp* é uma visão de mundo em termos de estilo - mas um estilo peculiar. É a predileção pelo exagerado, por aquilo que está “fora”, por coisas que são e que não são.” (Sontag, p.322,1987)

<sup>4</sup> Forma pejorativa de identificar uma lésbica masculinizada.

<sup>5</sup> Modo como Zenilda se refere às profissionais do sexo que moram e trabalham em sua casa.

da cidade e entra em conflito constante por conta disso com as mulheres de seus clientes.

**Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela ou as peças) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001, p. 168):**

No diálogo transcrito abaixo fica evidente a vigilância e a cobrança sobre o papel de gênero e sexual de Vieira.

A conversa é entre Felipe (Mateus Rocha) e a própria Vieira.

Depois ser ameaçado de ser expulso do bar por Vieira, Felipe, bêbado, revida batendo no peito:

- Vai encarar?

Vieira estufa o peito também e responde:

- Vou sim, por que?

Em tom de ironia, Felipe revida:

- O que diz uma boca pequena por ai é que a senhora morre de medo de homem. . Só de ver homem corre zarpada de pavor... (risos)

Desconfortável e irritada Vieira rebate:

- Escuta aqui ô meu rapaz....

Felipe interrompe:

- Cê vai me dizer que não é verdade... - provoca - ou será que homem pra senhora só serve pra brigar? Gosta só se for pra tirar pedaço é?

Nesse instante, ofendida, humilhada e irritada, Vieira parte pra cima dele, e Berbela (Daniela Faria) segura Vieira e tenta amenizar a situação:

- Vieira não faça isso! Ele não tá falando coisa com coisa! Ele tá assim porque a noiva vai se casar e ele tá avexado!

- Por causa disso eu tenho que aturar desaforo de neném?

Nesse diálogo fica evidente o incômodo de Felipe com a dubiedade e gênero de Vieira, que pouco transgride as regras de gênero em suas vestimentas, mas que em seu papel social assume uma posição que foge a expectativa padrão ocidental de “ser mulher”.

Para Butler “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, p. 64, 2002)

O que é colocado em questão pelo personagem de Felipe, é o modo como Vieira se relaciona e se posiciona com o gênero masculino, associando sua possível orientação

sexual à forma com que trata os homens, colocando-a numa posição de abjeto por adotar uma performatividade masculinizada e afetivamente não ter histórico de envolvimento heterossexual.

As questões de gênero, nesse caso, parecem ser questionadas relacionadas à sexualidade da personagem. Já no caso de Zenilda, que apesar de compor-se esteticamente de acordo com a cultura *camp*, sua sexualidade é pouco vista como “desviante” no cenário da novela. Os demais personagens que se relacionam com ela não colocam isso em questão e, pelo contrário, especulam sua sexualidade como de uma mulher que optou pela solidão, como vemos no diálogo abaixo entre dois personagens do núcleo da Casa de Campo.

Em outro diálogo que acontece na Casa do Campo entre o casal Dinorá, ex-“camélia”, e Sergio Murilo os personagens especulam a vida afetiva de Zenilda:

**Sergio Murilo** - Quer dizer então que a Dona Zenilda herdou a Casa de Campo de uma tia dela?

**Dinorá** - É isso mesmo. Por isso que ela diz que não quer exercer o mitiê. Na verdade ela é só dona, mas ela dá muito duro, trata as camélias como se fosse uma mãe...mesmo, de verdade. Mas ela não tem parente, não marido nem nada...

**Sergio Murilo** - Mas ela nunca teve ninguém? Nenhum namorado pelo menos?

**Dinorá** - Não, Não... eu acho que esse é o maior problema dela. Eu acho que é por isso que as vezes ela fica assim mau humorada , de calundu.

**Sergio Murilo** - Mas também ninguém é de ferro, nem Dona Zenilda né?

**Dinorá** - Eu acho que ela sofre em silêncio, apesar de nossa companhia, da amizade de Vieira que sempre lhe foi tão fiel, eu acho que mainha no fundo, no fundo, se sente muito sozinha.

Esse diálogo parece promovido para esclarecer a sexualidade de Zenilda, que vinha sendo especulada por críticos e colunistas da mídia de entretenimento:

Será que elas são lésbicas? Será que a Vieira é e a Zenilda, não? Essas perguntas ainda vão perturbar os telespectadores de "A Indomada" (Globo, 20h35), apostam os autores Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares. A sinopse da atual trama das oito deixa "no ar" que Zenilda (Renata Sorrah) e Sebastiana Vieira (Catarina Abdalla) podem vir a formar um casal de lésbicas -isso se já não o formam. "Mas essa tendência não é definitiva. Por enquanto, estamos mostrando que elas são apenas grandes amigas", adverte Ricardo Linhares.

Daniel Castro, Folha de São Paulo, Online, 1997.

Fica explícito que, se há algum caso entre Vieira e Zenilda, é “dentro do armário”, inclusive para as “camélias” que dividem os espaços de convivência diária com as duas. A sexualidade da personagem de Zenilda então se configura na percepção de Dinorá como de uma mulher heterossexual solitária que optou por viver assim, ignorando completamente alguma possibilidade de existir algum romance entre Zenilda e Vieira, que é vista pela “camélia” como uma “amiga fiel”.

**“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):**

Zenilda se monta conforme as expectativas esperadas de seu “sexo biológico”, porém numa perspectiva *camp*, de exagero, com plumas, brilho, vestidos longos de pedras, acessórios grandes com pedras coloridas. As cores sempre uniformes, ora toda de roxo, ora toda de vermelho, ora toda de azul. Saltos altíssimos e muitas pulseiras. No dia a dia, para ir à cidade, a dona da Casa do Campo procura usar uma vestimenta mais discreta, mas que também fogem às expectativas da cultura daquela pequena cidade nordestina que tenta manter o requinte europeu.

Já Vieira está sempre na esfera da discrição, com cores neutras e tom sobre tom, se aproximando do que se convencionou como estética masculina. Utiliza muito blazer e está sempre de calça, o que destoa das outras mulheres da cidade que usam saias e vestidos. Se analisado somente a forma de se vestir dessa personagem não poderíamos considerar caricato, porém, a composição completa da personagem conta com a performatividade gestual tida hegemonicamente com masculina e sua sexualidade subvertida, mesmo que nunca declarada, o que reitera o estereótipo da lésbica masculinizada.

**Características gerais da personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo, etc.:**

Zenilda é uma mulher muito forte e decidida. Trabalhadora, busca ser justa e protege suas trabalhadoras do sexo, a quem se refere como “minhas camélias”. Nesse aspecto, a personagem está ligada a uma profissão subalterna e que já a coloca numa posição de abjeto, principalmente dentro do contexto da trama, com as características de uma sociedade como a cidade de Greenville. No entanto, a personagem é adorada pelas “camélias” e por quem a rodeia. Tem uma relação de confiança e afetividade com todos os homens da cidade, principalmente os mais poderosos que ela recebe em sua Casa e para os quais oferece os seus serviços há anos. Os homens percebem em Zenilda uma mulher muito correta, forte e sensual. As “camélias” têm na figura de Zenilda uma mãe

com quem podem contar, e que também sabe cobrar postura profissional e compromisso com a Casa.

Com as mulheres da cidade, de forma geral, ela é vista como prostituta e cafetina. Convive bem com a ala menos moralista, porém com o elenco das beatas tem conflitos intensos quando retruca as provocações das mulheres que a acusam e difamam pela sua profissão. Em diversos momentos, evitam passar onde a personagem se encontra, provocam as “camélias” e tentam a todo custo, fechar a Casa do Campo, em nome da “moral e dos bons costumes”. Para isso, fazem chantagens com seus maridos, os frequentadores da casa e homens de poder da cidade que, por sua vez, não tem o menor interesse que a casa feche.

A principal inimiga de Zenilda na trama é Altiva, uma espécie de bruxa má que se diz líder das beatas e se identifica como mulher de honra e respeito na cidade. Esposa de Pedro Afonso, que a deixa no final da novela pra viver com Zenilda. Até esse romance desencadear, diversas vezes as duas se enfrentaram em situações sociais e Zenilda sempre rebate e reafirma sua legitimidade como cidadã, porém, sempre negando que seja uma prostituta, se mostrando inclusive ofendida quanto a acusação. Em nenhuma dessas provocações, Altiva ou alguma das beatas sugere que esta seja lésbica.

A personagem de Vieira é uma mulher também muito independente, trabalhadora e honesta. Extremamente discreta, ela é frequentemente convocada a guardar segredos de diversos personagens. Mostra-se ser uma pessoa de confiança. Apesar dessa discrição, não costuma aceitar injustiças e injúrias, principalmente quando sua sexualidade e papel de gênero é posto em questão por outros personagens. Ela é a personagem que coloca mão na massa para solucionar todos os tipos de problemas da Casa de Campo ou de quem a solicite.

#### **Aspectos sobre a sexualidade do personagem:**

**Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:**

Ambas as personagens em nenhum momento assumem verbalmente a lesbianidade, nem a heterossexualidade fica explícita no primeiro instante.

Em algumas cenas Zenilda demonstra um carinho e afetividade diferenciada para com Vieira, que sempre a retribui com olhares e gestos afetivos. Quando Zenilda passa alimentar um romance com Pedro Afonso, essa dá dicas de desconforto e sofrimento, mas sem dizer nenhuma palavra a respeito disso.

### **Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é não-heterossexual?**

Em nenhum ponto da narrativa essa revelação vem à tona. Tudo acontece num jogo de sedução com o telespectador que se envolve nessa possibilidade de romance que paira na atmosfera da novela. As atrizes se pronunciam na mídia torcendo para que elas formem um casal de lésbicas, porém os autores preferem manter a situação nas entrelinhas, e fazendo apostas nos jogo da subgestualidade.

### **Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?**

A performatividade de gênero é muito latente em Vieira. Seu jeito de vestir se desloca do que é esperado por aquela localidade, porém não chega a ser uma quebra de padrão. Em uma cidade pequena, onde mulheres usam vestidos e homens usam calças o fato de Vieira usar calças já a deixa masculinizada. Por outro lado, sua atitude energética, impositiva e de combate a coloca num lugar de abjeto diante dos olhares alheios, que a todo o momento tentam cobrar de forma coercitiva que esta se adeque ao papel de gênero esperado de uma mulher, assim como aspectos atribuídos a feminilidade, como docilidade, delicadeza e fragilidade. Por diversas vezes esse comportamento que vai de encontro á expectativa social foi questionado entre os outros personagens da novela e automaticamente é colocado em questão sua sexualidade e gênero.

Já Zenilda extrapola com essa feminilidade, adotando o estilo *camp*, abusando das maquiagens, das cores fortes, dos saltos e do brilho. Frequentemente esse exagero é a relacionado à sua profissão de “dona do cabaré”. Um fato relevante na análise é que a personagem de Zenilda nega a profissão de prostituta que lhe é atribuída pelas mulheres e alguns homens da cidade que não acreditam que esta não exerce a atividade. A posição de Zenilda, sempre que colocada na condição de profissional do sexo, é de negação e, inclusive, demonstra sentir-se ofendida, de forma que isso contribui para reforça os estigmas que sofrem as profissionais do sexo, não colaborando em nada para um discurso menos excludente e depreciativo que mantém essas profissionais no lugar de abjeção. Segundo Butler, o abjeto não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como “não importante” (Prins e Meijer, p. 161, 2002).

Nesse sentido, fica nítida na trama a respeitabilidade que os homens frequentadores da Casa de Campo têm com a dona do cabaré por esta, além de ser uma

pessoa portadora de atitudes consideradas dignas pelo discurso hegemônico, não se encontra no mesmo nível profissional das outras mulheres da casa, as prostitutas.

A forma com que a Zenilda trata as meninas é sempre associada à relação patriarcal, como se esta possuísse um nível de controle, amorosidade e segurança encontrado no discurso materno ocidental. Essa relação faz Zenilda cobiçar uma “vida melhor” à suas “camélias”, vislumbrando uma normalidade associada ao matrimônio com todos os valores ocidentais que a ele é atribuído.

### **Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos/as homossexuais nas telenovelas:**

**Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;**

**Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;**

**Resultado 3: caracteriza as personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;**

**Resultado 4: caracteriza as personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.**

**Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.**

O romance entre Zenilda e Vieira, desde o princípio, se configura nas entrelinhas, sem nunca ter vindo à tona como um romance de fato. A mídia escreveu sobre o romance sempre em tom especulativo. Em entrevistas ao colunista Daniel Castro do site UOL em março de 97 Linhares, um dos autores fomenta a dúvida e deixa claro que o futuro da suposta relação é incerta, o que dá margens para interpretar que a reação do telespectador definirá o destino dessa trama.

A forma com que os autores encontraram de evidenciar o romance foi no momento da ruptura dele. Ao se apaixonar por Paulo Afonso, Zenilda provoca o ciúme de Vieira que demonstra mágoa e tristeza quando o romance entre os dois é formalizado.

O romance silenciado se inscreve no tópico 3, pois reitera a norma heteronormativa, no qual uma mulher está situada na feminilidade e a outra é

reconhecida como masculina, o que fortalece o binarismo de gênero que determina que relações eróticas e afetivas tenham que acontecer necessariamente entre os pólos femininos e masculinos. Essa lógica é tão cristalizada na cultura ocidental que é uma norma vigente inclusive entre casais que escapam da norma sexual hegemônica, como no caso de Vieira e Zenilda.

A prostituição é socialmente repugnada moralmente pelo discurso hegemônico, que se respalda na lei e em diversas formas culturais como atividade ilegal, a margem e imoral. No dicionário português online, a prostituição tem como significado “comércio profissional do sexo” e “uso degradante de alguma coisa”, e tem como sinônimo “libertinagem” e “meretrício”. Logo, chegamos a “coisificação” do ato de prostituir-se, sendo compreendido como atividade associada a sujeira, a promiscuidade e ao discurso hegemônico sobre pudor, tendo todos esses significados estendidos a quem pratica a função. Não deixando de alcançar as “cafetinas” que agenciam as prostitutas e lhes oferecem o respaldo para negociação com instituições e a sociedade que lhes é negado pela justiça brasileira.

Juridicamente o art. 229 do Código Penal Brasileiro posiciona-se sobre casas de prostituição: “Manter, por conta própria ou de terceiro, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja ou não intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente”.

Colocar a personagem de Zenilda como lésbica, cafetina dona da Casa de Campo estabelece seu lugar a margem tanto pela sua orientação sexual quanto pela sua atividade profissional, que associadas “coisificam” Zenilda abjeta aos olhos da sociedade, e de onde esta tenta se resgatar ao não afirmar o romance com Vieira, negando com veemência a profissão de prostituta e desejando “uma vida melhor” à suas “camélias”, encontrando na reprodução das normas a possibilidade de ser humanizada e sair do local de abjeção que lhe é imposto.

Nesse artigo, porém, cabe avaliar de forma distinta a relação entre as personagens. Pois se as personagens reiteram a norma e se enquadram na hipótese três, na análise da relação das duas fica muito mais próximo do tópico 5, observando que a relação entre ambas, durante a trama sempre esteve localizada no campo da suposição, ou seja, tratada de modo dúbio, não esclarecendo a forma com que essa relação se propõe a ser abordada na trama.

Em alguns pronunciamentos do autor define o romance na trama, “A gente optou por uma abordagem bem-humorada da questão, uma coisa meio dúbia, na base da comédia”, diz Linhares.

Em outra entrevista o autor se posiciona de forma a reforçar essa dubiedade, com o seguinte trecho: "Não vamos levantar nenhuma bandeira da relação homossexual. Vai ter uma cumplicidade entre as duas, umas piscadas de olho. Ficou na base do 'quem quiser entender, entenda'", diz Ricardo Linhares. Posição que atende aos interesses das normas de gênero e sexualidade dominantes e coloca as orientações sexuais hegemônicas em uma posição, mais uma vez, confortável ao não problematizar de forma incisiva a imposição da heterossexualidade.

## Referência

Brasil. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891)*. Disponível em:

<<http://sijut.fazenda.gov.br/netahtml/sijut/SijutIntAsp/ATCP00.htm>> Acesso em: 10/03/2012.

BUTLER, Judith. *Críticamente subversiva*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icària editorial, p. 64, 2002

CASTRO, Daniel. *Entre dos amores*. Reportagem local, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv310816.htm>>, Folha de São Paulo. 1997. acessado em: 05/02/12

\_\_\_\_\_. *Novela cria “lesbianismo cômico”*. Reportagem local, disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/09/tv\\_folha/8.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/09/tv_folha/8.html)>, Folha de São Paulo. 1997. acessado em: 05/02/12

COLLING, Leandro. *Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo. Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades*, volume 2, número 2, Natal: EDUFRN.2008

\_\_\_\_\_. *Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados*. *Revista Gênero*, volume 8, número 1, Niterói: EDUFF, segundo semestre.2007

FELINTO, Marilene. *Um suspiro preso no peito*. Equipe de articulistas, disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/11/revista\\_da\\_folha/11.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/11/revista_da_folha/11.html)>, Folha de São Paulo, 1997. acessado em: 03/03/12

LOPES, Maria Immacolata; BORELLI, Silvia; RESENDE, Vera. *Vivendo com a telenovela, mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MILKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica pela normalização*, disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> , Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun., p. 156, 2009. acessado em: 07/02/12

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PRINS, BAUKJE and MEIJER, Irene Costanera. *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*, disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009)> *Rev. Estud. Fem.* Vol. 10, no. 1, 2002. acessado em: 06/03/12

SONTAG, Susan. *Notas sobre o Camp*. In: *Contra a interpretação*. Porto Alegre: LPM, Pg. 332, 1987.

SOUZA, Josias. *Telerotismo*. Opinião, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/10/06/opiniao/4.html>> Folha de São Paulo. 1997 acessado em: 017/03/12

TADEU DA SILVA, Tomaz. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2007